



Diretor e Gestor ou Sísifo: sobre os sentimentos em meio à pandemia

Simone Franco Brazilio¹

Gostaria de, em momento de crise, poder afirmar-me como revolucionária, como emancipadora de mim mesma e ofertar alternativas para a comunidade em que atuo. No entanto, a cada encontro com a concretude da realidade contemporânea e com as relações que ela estabelece no meu interior, sinto-me Sísifo, vendo a grande pedra rolar da montanha e realizando um trabalho insuficiente.

Trabalho na direção escolar em uma cidade do interior, sou servidora municipal. Ocupo esse emprego há quatro anos e meio e desejo ardentemente poder realizar algumas alterações na “racionalidade interna” (Paro, 2012) das escolas em que atuo. Tanto que iniciei a minha vida na direção em uma escola recém-inaugurada de educação infantil. Depois disso, passei para uma escola maior, também de educação infantil, e com uma história consolidada de sucesso. Então, resolvi deixá-la ao final de 2018, por escolha própria, para assumir A escola de ensino fundamental.

Esclareço esseA em letra maiúscula: na visão de muitos colegas, ela é a unidade escolar com maior número de alunos da rede (1300). É situada em uma região periférica da cidade, onde foram entregues cinco grandes conjuntos habitacionais para a população, cujo critério de seleção eram famílias em situação de vulnerabilidade, com pagamento em média de 25 reais mensais como parcela. Ademais, é uma escola com um histórico de dificuldades de gestão, com um grupo de professores que estava lá desde a fundação (que

¹ Mestra em Educação e Diretora de Escola municipal da rede de Araraquara - SP. E-mail: simone.franco.brazilio@gmail.com.



ocorreu há 20 anos). É um grupo bastante descontente com o novo público: maioria de meninos e meninas negras. Para mim, portanto, esse A tem outro significado! É A escola que escolhi, A que quero trabalhar, nA qual vejo possibilidade de ação e de transformação de mim e do ambiente, A que tem meninos e meninas como eu era e que nunca viram alguém como eu em sua frente.

Eis que chegaram relatos e notícias sobre a pandemia. Alguns educadores, nas discussões com os alunos adultos (a unidade tem EJA, contei?), já tratavam sobre o tema em conversas e sobre sua gravidade, quando o governador do estado informou que naquela semana, de 16 a 19 de março, haveria uma reorganização das escolas e que, a partir do dia 23, as aulas estavam suspensas. Chegamos à escola no dia seguinte e encontramos todos os funcionários acometidos por três sentimentos: medo, angústia ou revolta – e, em alguns casos, um misto dos três. Por sua vez, as famílias iam procurar os membros da equipe gestora para saber o que faríamos com os seus filhos, com as aulas, quais as medidas que seriam tomadas para a segurança, qual a garantia que daríamos de que as crianças estariam bem e protegidas na escola.

Assim sendo, nos reunimos com a equipe escolar e com os pais dos órgãos colegiados. Decidimos pedir que ficassem em casa os meninos, as meninas e os adultos que pertencessem aos grupos de risco, sendo que eles levariam para as suas casas atividades e ações de reposição de faltas. Também, optamos pela reorganização do espaço escolar com distanciamento (o possível) das carteiras entre os educandos, pela manutenção de todas as portas e janelas abertas, pela presença de álcool nas salas de aula e pelo acompanhamento rigoroso das recomendações de lavagem das mãos (sim, existe a orientação, mas a cada saída da sala, antes de todas as refeições, na saída e entrada dos banheiros, os profissionais pediam que se lavassem as mãos e ficavam acompanhando a todo momento). Por isso, a equipe de limpeza precisou ter o horário alterado para que pudessem ser lavados os espaços, em especial os de uso comum como o refeitório. Isso é pouco, eu sei, mas é o que nos era possível no momento.



Recebemos, então, a notícia de que haveria aula na semana de 23 a 27 de março e que, após esse período, as aulas seriam suspensas. Nesse ínterim, entretanto, já havia profissionais cujas escolas de seus filhos haviam suspenso as aulas, assim, estavam faltando ao trabalho para cuidar dos filhos. Além disso, os profissionais que pertenciam ao grupo de risco e que solicitaram de seus médicos atestados para cuidarem de sua saúde e se resguardarem também já não estavam frequentando a escola. O cenário, então, era este: estávamos com data de suspensão das aulas, mas em funcionamento e sem educadores o bastante! Impossibilitados pelos órgãos de saúde de chamar a comunidade presencialmente para esclarecimentos, encaminharam-se para a casa dos educandos diversos informativos sobre o que estava ocorrendo. Ademais, os educadores presentes fizeram diversos esclarecimentos e atividades minuciosas com os estudantes sobre o tema. Após os envios, as famílias começaram a chegar e a exigir que a conversa ocorresse com um membro da equipe diretiva, uma vez que nenhum funcionário era aceito para esclarecimento, por mais que eles tivessem conteúdo para tanto.

Os diálogos dos quais participei naquela semana foram expressivos e variavam muito: "Como eu estudo com ele em casa, me ajuda?"; "Mas ele está se alfabetizando, como eu ensino?"; "Eu não vou saber dizer o que ele tem que fazer, posso levar os livros?"; "Mas agora estou juntando as letrinhas, eu falei pra professora, minha cabeça vai esquecer"; "Não tenho como deixar meus meninos em outro lugar, onde eles vão ficar?"; "Meus filhos comem aqui, eu não tenho comida em casa, o que eu vou fazer com eles, lá?"; "Eu não sei ler, como eu vou ajudar?"; "Eu vou ter que voltar com meu companheiro que me bate, porque se vou ficar com as crianças vou ser demitida!"; "Tava precisando de férias Dona, cê acha que uns quinze dias?"; "Minha filha, gente mais velha não pode sair, mas eu tenho que trabalhar"; "Minha distração é a escola, e agora?"; "Meu patrão me disse que preciso do diploma da 8ª série, vou ter?".

Os funcionários também disseram frases interessantes: "Estou aqui, mas tenho idosos em casa. Quem cuida deles?"; "Estou faltando do trabalho, para cuidar das crianças, não tenho como cuidar delas e dos alunos"; "Morto não dou



aula, veja o que faz com eles”; “Ninguém cuida da gente, porque você não dispensa as crianças, manda elas embora no portão e manda a gente pra casa?”; “Eu tenho muito medo de pegar COVID e de passar”; “Eu estou triste porque não posso mais abraçar meus alunos”; “Tem criança que não tem condição em casa, nem lugar pra estudar, ele não vai estudar sozinho, ele não sabe”; “Tem criança que só vem pra comer, abre pro café e pro almoço, a gente não precisa vir!”.

Em suma, foi uma semana reveladora, para mim, acerca do caráter dos que me rodeiam, das escolhas pedagógicas e de expressão de vida, que a crise não foi capaz de escamotear. Ela revelou também as minhas limitações. Foi nessa semana que eu me vi com a pedra de mármore pela primeira vez.

Terminei a semana fatídica com duas inquietações maiores. A primeira era: como as meninas, meninos, jovens e adultos vão estudar em casa? E a segunda: como eles vão se alimentar? Sim, a danada que queria que abrissemos a escola só para servir alimento e a dispensássemos não estava errada sobre a necessidade alimentar da comunidade que atendemos. Então, como ajudar os que têm fome?

Chegou-nos a notícia de que haveria atividades *online* para os alunos, não como obrigatoriedade naquele momento, mas como possibilidade de manutenção de rotina de estudos. Achei a ideia ótima, embora ela não atenda nenhuma das necessidades das crianças da escola. Em nosso grupo de alunos, 53% não têm acesso à internet, portanto, como eles poderiam continuar com o hábito de estudos dessa maneira? O que poderíamos fazer para que eles pudessem estudar? Talvez, com material para casa. Mas temos essa quantidade de material para organizar e atender? Em que nível a ação de uma escola, dessa estrutura, não cria ou gera eco em toda a estrutura? Não tenho resposta! Entretanto, tão logo começamos a arquitetar esse movimento na equipe gestora, recebemos o comunicado de que haveria cadernos impressos em cada unidade escolar para todos os alunos, juntamente com o *kit* de material. Fiquei contente, pois essa é uma ação mais acessível ao nosso grupo de educandos.



Sobre a questão alimentar, fomos informados de que ocorreria a distribuição de *kits* para os alunos. Na realidade, não foi bem o ocorreu! Recebemos um conjunto de *kits* de alimentação que não atende a um quarto do número de alunos. Eles seriam distribuídos, inicialmente, para as famílias cadastradas no programa Bolsa Família. Recebida a lista das famílias cadastradas no programa e, com ela em mãos: Vamos organizar a entrega? Convidei voluntários, seis se dispuseram. Mas, pelas normas de organização, precisaríamos do dobro de pessoas por dia. Então, foi preciso convocar as pessoas ao trabalho. Ligação para as famílias, ida às casas, avisos, e finalmente o dia de entrega: muitas histórias, muitos “Deus te abençoe”! No entanto, 94 famílias não apareceram na lista inicial e precisavam igualmente do kit. Semana seguinte, éramos incumbidos dessa mesma ação. Tínhamos uma lista de 25 famílias que precisavam do kit. Essa é a demanda manifesta daqueles que procuraram a escola para expressar as suas necessidades. Não sei quantos são aqueles que os nossos olhos não alcançam.

Não sei dimensionar, para cada um que me lê, o rasgar-me interno nessas semanas de quarentena. Ouvi sobre a necessidade das meninas: “mas tia eu não posso comer muito, porque tem meu irmão menor”; O espanto de algumas mães: “eu não sei mais o que inventar pra esses meninos, em casa eles só comem, eles comem muito aqui?”; A solicitação: “Vocês voltam quando, pelo amor? Eu achava que o seu trabalho era fácil”; O medo de outras: “Meu menino não é esperto. Vocês vão ter trabalho quando voltar”; O agradecimento de algumas: “Deus te abençoe”; A dor de outras: “A gente tá almoçando. Na hora da janta, a gente bebe um copo de água e reza”; O desespero de outras que aos gritos me diziam: “Como? Como o meu nome não está na lista? Como? Como vocês escolheu?”; O sussurro de outras: “Olha, eu preciso, quer visitar a minha casa pra ver como o armário está?”. Sempre as mães, sempre as mulheres, alguns poucos pais, acompanhando suas companheiras.

Ao final do segundo dia, estava cansada, estou cansada... eu que sempre enxerguei A escola como aspiração emancipatória, como uma possibilidade de



tarefa imediata e necessária para uma luta maior (Meszáros), me vi inutilmente observando a pedra rolar montanha abaixo e contemplei a mim, Sísifo.

Referências bibliográficas

PARO, Vitor Henrique. **Administração Escolar: introdução crítica**. 17 ed. rev. e ampl. São Paulo. Cortez, 2012.

MÉSZÁROS, István. **A Educação para além do Capital**. São Paulo. Boitempo, 2005.